

Economia

O BRASIL E O MUNDO

O ministro Maílson da Nóbrega está em Washington renegociando a dívida, mas não está satisfeito. Veja nesta página. Na seguinte, Costa Couto promete surpresas nas privatizações; na 11, o protesto dos servidores e, na 12, o aumento atual dos investimentos pessoais.

Dívida: há algo difícil lá fora.

O ministro Maílson da Nóbrega, embora negando a existência de problemas, demonstrou estar preocupado com o andamento das negociações com os credores.

Um ministro da Fazenda tenso, lacônico e evasivo evitou contar qualquer novidade sobre as negociações com os banqueiros credores, sobre as circunstâncias em que o Brasil volta ao FMI e sobre seu encontro com o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, do qual saiu para receber a imprensa na Embaixada do Brasil em Washington, ontem à tarde.

Maílson da Nóbrega teria expectativas que não foram satisfeitas? Pelas suas respostas às insistentes perguntas, "não". Ao contrário, até ouviu a confirmação de que, "na medida das possibilidades, o governo americano vai trabalhar ao nosso lado". Três funcionários do Departamento do Tesouro, procurados para algum esclarecimento, negaram-se a dar qualquer contribuição. Mas quem se lembra de sua euforia ao encontrar-se com o secretário James Baker, durante o último carnaval, e o viu ontem, não duvida: algo mudou.

Foi assim que o ministro resumiu seu encontro com o secretário Baker, quando as luzes das televisões iluminaram seu rosto, como se fosse um sinal de início de entrevista: "Discutimos questões de mútuo interesse do Brasil e dos Estados Unidos". E acrescentou que isso é normal, quando dois ministros se reúnem. Ele teria apresentado algum pedido de apoio para as negociações com o FMI? "Não. O Brasil ainda não iniciou negociações com o FMI. Esperamos fazê-lo em breve, assim que tenhamos os programas de estabilização da economia." Mas acentuou: "As negociações são feitas com o FMI, e não com seus países-membros".

Quem inventou?

Um repórter lhe perguntou: O senhor está discutindo algum empréstimo-ponte (sem o qual, ele tem repetido, o Brasil não pagará os juros de abril)? "Não. Não discutimos assuntos sobre negociações entre o Brasil e os bancos credores."

Outro repórter insistiu: Mas voltou-se à idéia de um empréstimo-ponte? Em Caracas, no mês passado, num momento de tensão



Maílson, com o embaixador Marcílio Moreira, chega para o encontro com Baker.

o ministro Maílson da Nóbrega disse que o empréstimo-ponte era uma invenção da imprensa. Agora, ele quis saber quem foi que disse isso, avisando: "Eu, não". Depois, explicou: "Há um desejo dos bancos de que um eventual empréstimo-ponte tenha a participação de governos".

Algumas perguntas eram confusas, para o ministro. E ele pedia uma nova formulação. A conversa dava voltas, do FMI para o encontro com o secretário Baker.

— Não dá para sabermos um pouquinho mais da reunião?

"Ele (o secretário Baker) estava interessado em saber das repercussões financeiras das últimas

medidas. Trocamos idéias sobre os objetivos que o governo brasileiro pretende alcançar com o programa de redução do déficit público. Isto é uma conversa normal, natural. Conte-lhe do nosso objetivo de lançar as bases de um programa de modernização da economia nacional com menor volume de intervenção do Estado, de estatização. Que chegou o momento de rever o papel do Estado no Brasil."

De passagem, o ministro diagnosticou o estado das negociações do acordo de médio prazo com os banqueiros credores, em Nova York: "Elas estão indo bem, na minha opinião. Estamos perto de um

acordo, em uma ou duas semanas."

Um novo prazo

Lembrou-se ao ministro Maílson da Nóbrega que seus planos previam o início das negociações com o FMI para o começo de abril. Ele explicou: "Não está afastada a hipótese de começar a negociação com o FMI ainda em abril. Imaginávamos que ia ser no começo de abril. Não aconteceu assim. O ajustamento da folha de salários do setor público, a redução do déficit, levou tempo. Atrasou nosso programa, mas não afetou".

Para ele, a redução orçamentária será feita quando forem concluídos os exames sobre seu impacto, mas não é dela que está dependendo o início dos contatos formais com o FMI, que começará tão cedo quanto possível. Quando? Ele repetiu: "Tão cedo..." Sobre o FMI, ainda acrescentaria, em duas novas perguntas, que a venda do pacote que está sendo fechado com os bancos credores não tem nenhuma vinculação com o início das negociações, e que a política econômica brasileira não sofrerá influências externas:

As medidas (de redução do déficit) não são tomadas para agradar banqueiros ou o outro lado (o FMI)."

Maílson da Nóbrega, um pouco mais descontraído no final da meia-hora que concedeu à imprensa, defendia-se de qualquer pergunta sobre as novidades nas negociações da dívida, dizendo: "Nós vamos divulgar as discussões com os bancos depois de concluído o acordo".

O ministro Maílson da Nóbrega continuou resistindo mais alguns minutos, sem cair em nenhuma indiscrição, até que ele próprio encerrou a conversa, para então ir ao encontro com o diretor-geral do FMI, Michel Camdessus. Seu programa, hoje, começa no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), onde assina dois contratos, mas inclui duas entrevistas à imprensa e reuniões com o presidente do Banco Mundial, Barber Conable, e seu vice para a América Latina e o Caribe, Shahid Husain.

**Moisés Rabinovici,
de Washington.**